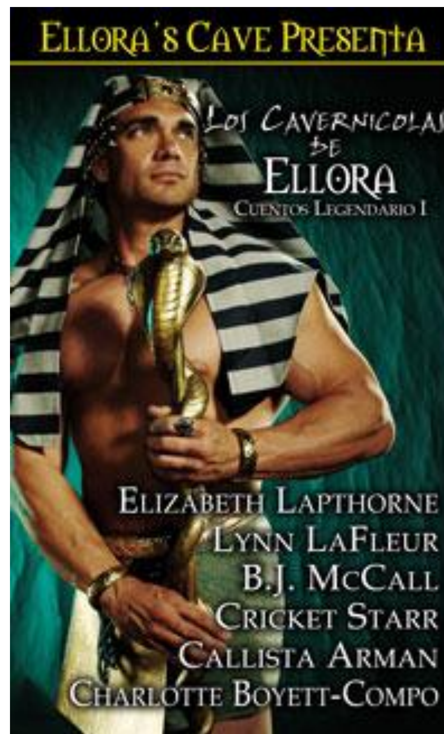


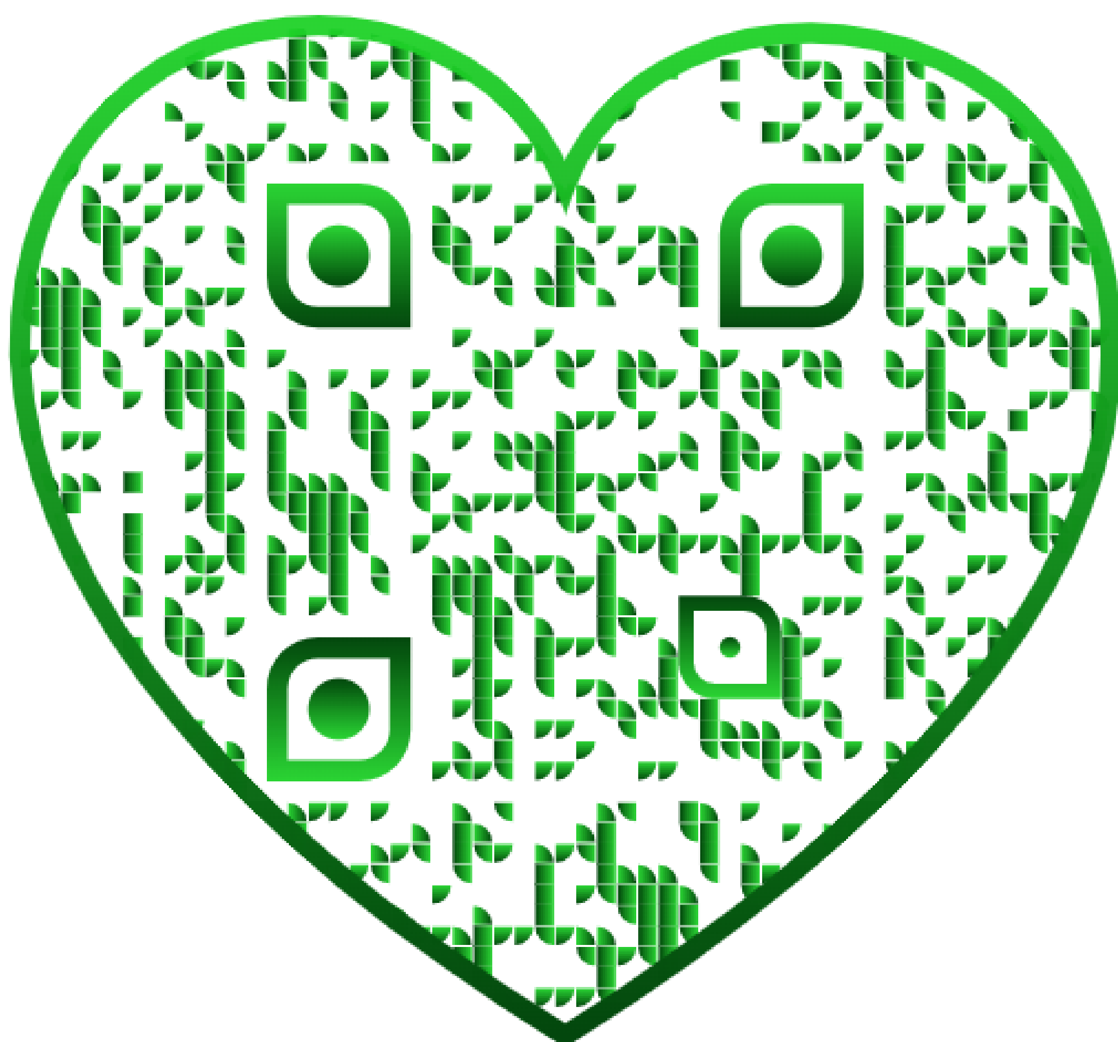
Callista Arman
O impostor

Após cinco anos de casamento, a única maneira de Raye MacLeod sentir prazer é fantasiando com seu herói favorito de um romance erótico, o guerreiro Kieran MacKenzie, dono do maior... Apêndice... Masculino... Em toda a Escócia medieval. O sexo com Kieran seria um grande avanço em relação ao que tinha com seu marido contador descontraído. Então, um pouquinho de magia escocesa faz o seu sonho virar realidade, e Raye se vê perseguida pelo homem dos seus sonhos. E o que ela poderia fazer numa hora dessas a não ser desfrutar?

Envio e Trad: *Gisa*
Revisão: *Tessy*
Revisão Final: *Sandra Maia*
Formatação: *Gisa*
Tiamat - World

Nota da Revisora Tessy: Como todos os contos da Ellora é muito hot e com uma história interessante, eu gostei... Espero que vcs também gostem.

Nota da Revisora Sandra Maia: O livro é bem hot, como todos da elloras, e uma história bem louca. Eu gostei.



Capítulo um

A boca dele cobriu o mamilo dela, chupando intensamente através da barreira do lençol branco. O corpo dela se arqueou para seu calor, enquanto sua mente lutava para resistir. Ele era um marginal. Ela era a filha de seu inimigo.

Esta era sua vingança.

Uns dedos ásperos marcavam as coxas nuas dela, exploravam entre seus cachos. Invadiam sua vagina, esparramavam sua umidade por seus clitóris. Ela respirava com pequenas baforadas mecânicas enquanto ele rodeava sua sensível protuberância com seus dedos fortes e calosos. O ventre dela ardeu em chamas. Estas se espalharam velozmente por suas veias, acendendo o desejo em cada fibra de seu ser.

Ela mordeu o lábio, para não se humilhar rogando por mais.

— Abre mais suas pernas, moça.

— Não — Sussurrou ela. Quem falou por ela foi seu último vestígio de orgulho.

Os dedos dele entraram nela lentamente, retorceram-se e flexionaram, fazendo-a se abrir arquejando pelo delicioso prazer que lhe dava. Um estranho indício de um sorriso torceu os lábios dele. Depois retirou a mão, deixando-a vazia.

A colocou de pé, agarrando-a pelo pulso.

— Dispa-se, moça — Seus olhos, escuros e pecaminosos, desafiavam-na a recusar.

Ela obedeceu com as mãos trêmulas. Nunca tinha se despido completamente na presença de um homem, e agora…

Seu olhar escuro nunca titubeou enquanto suas roupas deslizavam, uma a uma, para o chão de tábuas mal cortadas. Ela estremeceu, mas não foi o medo o que a fez tremer. Nem o frio.

Foi a expectativa.

— Acha que deveríamos baixar nossos preços?

Raye MacLeod moveu os quadris para a investida de seu marido, fazendo o melhor para ignorar sua pergunta em voz baixa. Desafinava tanto com sua fantasia.

— Bom, você acha? — Ela abriu um olho.

Ian suportava o peso de seu magro corpo com seus rígidos braços e a olhava. Ele enrugou o cenho enquanto movia os quadris. — Uma redução de dez por cento nos daria a vantagem que necessitamos. Por outro lado… —Ele se afastou até que a cabeça de seu pênis excitava os lábios externos de sua vagina.

Raye o agarrou pelo traseiro, empurrando-o outra vez para seu corpo.

— Não posso acreditar que esteja me perguntando isto justo agora.

— Esteve me dando voltas pela mente.

— Não podemos deixar para depois? — Raye fechou fortemente os olhos, desesperada para recapturar a intensidade de sua fantasia. Uma fantasia em que Kieran MacKenzie, latifundiário despojado do Clã MacKenzie, - dono do maior pênis e o mais mal intencionado de toda a Escócia medieval - deflorava Tess, a filha virgem de seu inimigo mais odiado.

Era uma cena da novela erótica favorita de Raye, Paixões nas Montanhas Escocesas.

Ian deslizou para fora.

— O texto do aviso ficará pronto na gráfica esta tarde — As esperanças de Raye de ter um orgasmo derreteram como sua fantasia. Muito bem, então depois de cinco anos e meio de matrimônio, o sexo com Ian era um pouco rotineiro. Isso era de se esperar. Mas tinha que trazer o tema do café justo agora? Estava tão perto de gozar. Maldição. Kieran MacKenzie jamais falaria de trabalho durante o sexo.

— Se não fizermos algo para seduzir nossa clientela para que volte — Disse Ian — Seria quase melhor nem abrir.

— Bom, bom — Os últimos arrebatamentos da excitação de Raye se esfumaram. Ela e Ian tinham posto as economias de toda sua vida no "Café e Pãezinhos", um café muito moderno no limite do distrito histórico. O tema escocês tinha sido ideia de Raye; Ian tinha sugerido uma decoração de selva tropical. Foi muito bem durante um par de meses, até que a cadeia nacional "Café Estrela" abriu um megabar a menos de uma milha de distância, bem na esquina da Broad e Main. Com estacionamento. De qualquer jeito, o resultado do balanço de "Café e Pãezinhos" ficou de uma brilhante e desagradável cor vermelha.

Se Ian e Raye não pudessem dirigir uma parte do tráfego sedento para o interior de suas portas com trincos de bronze, iam direto à bancarrota.

— Sim, teremos que baixar nossos preços — Disse ela.

— O que acha de fazer um dia em que se comprar um leva outro grátis, para o grupo de estudantes? — Perguntou Ian. Ele deixou cair a cabeça na dobra do ombro de Raye e acelerou o ritmo de seus embates — Talvez pudesse tirar a gaita de fole de meu avô.

Raye gemeu, mas não de prazer. Ela amava tudo que fosse escocês, seu marido, mais que tudo, mas Ian não tinha nenhum talento para a gaita de fole.

— Queremos atrair clientes, não espantá-los.— Disse ela. Ian riu baixo. Acariciou o lado do seu pescoço com o nariz. — Esquece a gaita de fole. Mas poderia se vestir com a roupa típica das montanhas escocesas que te comprei.

Ele grunhiu.

— De maneira nenhuma. Não vou pôr uma saia.

— É um kilt, não uma saia.

— Dá no mesmo — Um delicado estremecimento reverberou pelo corpo dele. — Deus, Raye, estou perto.

Então ele parou de falar, graças a Deus. Raye se concentrou em coincidir com o ritmo de seus embates cada vez mais profundos. Uma sensação suavemente prazenteira a invadiu, mas não

parecia em nada ao que estava acostumado a ser. Quando ela e Ian ficaram juntos pela primeira vez, era um estremecedor orgasmo atrás de outro. Mas agora... Agora precisava fantasiar com Kieran MacKenzie para ajudar-se a gozar.

Passou os dedos por entre os escuros cachos de seu marido. Era uma pena que não pudesse gozar sem uma fantasia. Fechou os olhos e tentou perder-se na sensação do pênis de Ian deslizando dentro dela. Uns poucos embates mais tarde, deu-se por vencida. Simplesmente não acontecia.

Tess nunca teve este problema com Kieran em Paixões nas Montanhas Escocesas.

Mas Raye não estava casada com um guerreiro das montanhas da Escócia medieval. Nem remotamente. Ian era um contador. Mas neste momento, suas lentes de metal estavam longe sobre a cômoda e sua camisa sempre abotoada estava no chão. O orgasmo vindo a toda afiava os traços dele, ela quase podia imaginar a paixão de seus temíveis ancestrais escoceses ardendo em suas veias.

Os olhos dele ficaram frágeis. Seus braços se flexionaram ao redor dela e seu torso ficou rígido. Depois ganhou vida, bombeando dentro da vagina de Raye com embates curtos e profundos, gemendo seu nome enquanto jorrava de prazer. Depois seus braços cederam e todo seu peso morno paralisou sobre ela, afundando-a no colchão.

Raye beijou seu pescoço e acariciou seus ombros brilhantes de suor, mas não pôde reprimir um diminuto suspiro. Por que o homem podia gozar sempre, sem importar o que acontecesse? Não era justo.

Ian rodou para um lado e deu um breve sorriso de lado.

— Sinto que não tenha conseguido— Disse — Quer que te faça gozar com o vibrador?

Raye se levantou sobre os cotovelos e olhou o relógio.

— Não. Abriremos tarde se não sairmos daqui logo. E só Deus sabia que não podiam se dar ao luxo de perder nem um só cliente.

— Mais tarde, então — Ian se levantou da cama e caminhou para o banheiro.

Raye o olhou. Seu marido tinha um lindo traseiro. Além disso era alto, era outra vantagem, e seu torso era sólido, mas não muito musculoso. Não muito tempo atrás, só pensar em pôr as mãos em cima de Ian a excitava como louca. Agora passava quatorze horas por dia em pé, vendendo café de marca. Preferiria uma hora de sonho a uma hora de sexo em qualquer dia da semana.

Mas para ser honesta, uma hora de leitura ganhava de qualquer uma das duas opções. Não importava o tão estressada que estivesse; uma novela erótica bem escrita sempre a fazia se sentir melhor. Especialmente quando o herói era Kieran MacKenzie.

Ian abriu a ducha. Ela brincou com a ideia de unir-se a ele. Ela poderia convencê-lo de que lhe desse esse orgasmo que tinha prometido. Ou… Abriu a gaveta da mesinha de luz e deslizou sua cópia com as páginas marcadas de Paixões nas Montanhas Escocesas.

A fome no olhar de Kieran fez que o coração de Tess pulsasse com força. Tardiamente, ela se questionou se tinha sido prudente ter ido encontra-se com ele na casa de campo abandonada. Tentou cobrir sua nudez com as mãos.

Kieran a puxou pelos pulsos e lhe separou bem os braços.

— Não, moça. Não deixarei que se esconda. Você me pertence agora.

Rayie deu um pequeno suspiro — Você me pertence agora. Que incrivelmente romântico! Como seria pertencer a um homem assim? — Sorrindo, deu a volta na página.

Kieran tirou sua manta escocesa. Tess quase ficou sem fôlego ao vê-lo. Seus fortes braços estavam endurecidos com músculos e tendões. Seu peito era largo e musculoso, cruelmente marcado com o que parecia uma velha ferida de faca.

Ela baixou o olhar. Santo céu! As moças da cozinha não tinham exagerado. O pênis de Kieran era enorme.

— Sobe na cama, moça.

Ela não pôde mais que obedecer.

— Bem, garota, o que tem aí embaixo? Uma revista pornô?

Raye levantou bruscamente a cabeça enquanto deslizava Paixões nas Montanhas Escocesas sobre um suporte debaixo do balcão.

— Angie. Desculpe. Não escutei você entrar.

A melhor amiga de Raye tamborilou suas unhas pintadas à francesa sobre o balcão.

— Não entendo como pode não ter ouvido o barulho. Tem mais campainhas na porta de sua loja que Papai Noel em seu trenó.

— Sim, sei. Ian as pôs ali para que possamos escutar quando a porta abre se estivermos no fundo.

Angie sorriu com suficiência.

— No fundo, fazendo o que?

— Não o que você está pensando, isso é seguro.

— Que mau. Está lá atrás agora seu apetecível marido?

— Sim.

— Bom, por que não o abandona atrás de uma pilha de caixas e…?

— Ah, claro.

— Por que não? Vocês estavam acostumados a ser selvagens. Lembra-se daquela vez no lago, quando estavam noivos?

—Já não é mais assim — Raye fez uma careta enquanto servia a Angie sua medida regular de cafeína: torrado de Edimburgo, sem leite. Levantou a vista para ver que sua amiga a olhava com uma expressão compassiva.

— Quer falar disso?.

— Não. Estou bem. É só que...

— O que?

Ela apoiou os cotovelos sobre o balcão.

— Amo Ian, não me interprete mal.

Angie levantou suas sobrancelhas depiladas. — Mas?

— Mas é tão tolerante. Às vezes só desejaria que fosse, você sabe, mais macho. Que tomasse a iniciativa — Raye meneou a cabeça — Ele me pergunta o que penso sobre tudo.

— Pensei que você gostava disso nele.

— Eu gostava. Quer dizer, eu gosto. Algumas vezes.

Três torrões de açúcar afundaram no café de Angie.

— E das outras vezes?

— Das outras vezes sinto vontade de gritar. Há dias em que venderia minha alma por um tipo que se imponha.

Sua amiga soprou.

— Você odiaria isso.

— Não, não o faria. Eu adoraria — Raye fez um gesto com a cabeça para a bandeja de bolos — Deseja algo com sua cafeína?

— Sim. Os pãezinhos cobertos de chocolate parecem bons. Comerei dois.

— Não sei como faz para se manter tão esquelética — Queixou-se Raye enquanto depositava os bolos em um prato.

— Está nos genes. Quanto te devo?

— Esquece.

— De maneira nenhuma. Não pode se dar o luxo de dar de presente seu inventário.

Raye suspirou.

— Duvido seriamente que dois pãezinhos salvem ou afundem o resultado do balanço — Ela fez uma pausa —Passou pelo "Café Estrela" no caminho?

— Sim.

— Repleto?

— Até a boca— Angie olhou seu relógio — Ai, merda, são quase nove e não posso me dar ao luxo de chegar tarde ao trabalho, outra vez — Se dirigiu à porta.

Raye ficou olhando o café vazio por um instante, depois tirou Paixões nas Montanhas Escocesas. Quase podia sentir o marcado sotaque escocês de Kieran MacKenzie lhe fazendo cócegas na orelha.

— É um sonho, moça.

Kieran deu um beijo quente bem debaixo da orelha de Tess. Ela tremeu. Ele tinha estendido sua manta sobre o colchão cheio de palha. A lã, ainda morna por seu corpo, raspava a pele nua dela e enviava quebras de onda de prazer quente ao doce lugar entre suas pernas. Beijou-lhe o

lado do pescoço. Sua áspera barba incipiente raspava a suave pele. As mãos dele cobriram seus seios e levantaram um, depois o outro.

Ele a olhava no rosto enquanto seus polegares passavam sobre os sensibilizados bicos.

— Você gosta disso, não, moça?

— Sim — Disse ela ofegando. Seus quadris se levantaram, convidando-o. Ele puxou-a para aproximá-la, enquanto suas mãos posicionavam o corpo dela para a invasão.

A sacudiu um calafrio de apreensão. Seu pênis era tão grande, tão duro. As moças da conzinha riam bobamente porque Kieran tinha o maior pênis de toda a Escócia. Olhando-o agora, Tess recordou o garanhão favorito de seu pai.

Santo céu! Entraria o pênis de Kieran por sua passagem virgem?

— Ah, não se preocupe com isso — Murmurou Raye em voz alta — Entrará. Sempre o faz. Só espere e verá.

Ela se moveu, sentindo calor de repente. E sentindo-se excitada. Suas coxas estavam úmidas debaixo da saia rodada do tartán[1]. Aturdida, levantou a vista do livro e olhou a porta que levava ao quarto traseiro do café. Ian estava ali dentro, em seu computador portátil, tentando riscar o rumo por muito tinta vermelha.

Ela olhou para a porta que dava à rua. Não havia clientes à vista, e era provável que não houvesse nenhum antes do almoço. E inclusive se alguém entrasse, todas essas campainhas a fariam saber.

Guardou Paixões nas Montanhas Escocesas debaixo do balcão. Rapidamente, desatou o avental e foi para o fundo na ponta dos pés. Quando chegou à porta no final da área de vendas, fez uma pausa. Não havia janelas no depósito, e fazer amor debaixo de estridentes luzes fluorescentes não parecia muito sexy. Voltando sobre seus passos, pegou uma vela de um expositor e um acendedor da gaveta próxima ao caixa. Assim armada, empurrou a porta do quarto do fundo.

Ian estava de costas. Estava curvado sobre sua mesa de segunda mão, tamborilando sobre o teclado de seu computador portátil, com boletos e outros papéis esparramados por todos os lados. Raye acendeu sua vela e a pôs sobre uma pilha de caixas. Depois apagou as luzes, deixando só o brilho da chama da vela.

Ah e também o brilho do computador portátil de Ian. Não o levou em conta.

A cabeça dele girou para ela.

— O que…?.

Ela passou os braços sobre os ombros dele por trás e recorreu ao seu melhor sussurro provocador.

— Esquece a conciliação trimestral. Façamos amor.

---

[1] **Tartan** é um tipo de tecido quadriculado, parecido com xadrez, com padrões de linhas diferentes e cores levemente distintas. É o padrão utilizado para se fazer um kilt, típica indumentária escocesa.

Ele voltou a girar para a tela com um grunhido evasivo.

Ela abriu os dois botões superiores da camisa dele e deslizou suas mãos para dentro. Seu peito nu estava morno debaixo de suas mãos frescas. Ela apertou seus seios contra as costas dele e fez girar sua língua dentro de sua orelha.

Ele encolheu os ombros, como tentando sacudir um bando de borrachudos.

— Agora não, Raye. Estou registrando os boletos.

Ela levantou a cabeça e enfocou a tela, depois desejou não tê-lo feito. As perdas do último trimestre eram piores do que ela tinha pensado. Somando isso ao que já deviam…

Deus, faria tudo para esquecer a confusão que estavam. Inclusive por uns poucos minutos. E sabia exatamente como fazê-lo.

— Pode tirar cinco minutos — Tirou os óculos de Ian do nariz e os deixou cair sobre a mesa— Vamos, façamo-lo.

Ian franziu o cenho.

— Aqui?

— Com certeza, por que não?

— Bom, primeiro, este é um depósito honrado. Além disso, supõe-se que a loja está aberta.

— Esta é a hora mais tranquila. Além disso, escutaremos as campainhas se alguém entrar — Ela se deixou cair de joelhos e começou a desabotoar seu cinto.

— Acabamos de fazer esta manhã.

— E?

— E isso foi há menos de três horas.

— Bom, eu não gozei.

— Pôde fazê-lo — Disse ele, ficando à defensiva.

Ela desabotoou suas calças e baixou o zíper.

— Desta vez gozarei.

— Raye...

Ela deslizou sua mão por baixo do elástico de sua cueca e fechou os dedos ao redor de seu pênis. Inclusive semiduro, enchia sua mão. O equipamento de Ian não era tão impressionante como o pênis monstruoso de Kieran MacKenzie, é obvio, mas seu marido realmente não tinha nada do que envergonhar-se. A emoção de fazê-lo no café, com a porta da frente aberta, fez que disparasse uma corrente de excitação até sua vagina. A umidade cobria suas coxas.

Isto ia ser bom.

E foi, durante mais ou menos dois segundos, até que Ian pegou sua mão e a afastou de seu pênis.

— Olhe, Raye. Este não é um bom momento. Estou tentando pensar a que distribuidores vamos pagar este mês.

— Ao demônio com os distribuidores — Disse Raye, sacudindo-se para se soltar de sua mão. Sentou-se sobre os calcanhares e começou a desabotoar a blusa — Melhor ainda, me tome— Olhou ao seu redor procurando um bom lugar — Ali. Sobre esse caixote.

A excitação a apunhalava enquanto imaginava a si mesma com sua saia rodada amontoada sobre a cintura e suas pernas envolvendo os quadris de Ian. Kieran fazia amor a Tess assim, em um assento junto à janela no Castelo Dunhardie. Qualquer um poderia vê-los.

— E possivelmente… — Disse ela em voz baixa, apanhada na fantasia — Possivelmente poderia falar com sotaque escocês.

— Sou de Cincinnati — Disse Ian — Não da maldita Edimburgo.

— Só simule — Disse Raye, deslizando a blusa pelos ombros — Para mim.

Os olhos dele se entrecerraram.

— Isto tem algo que ver com o livro que sempre está lendo?

— Não — Mentiu ela. Desabotoou o sutiã pela frente e levantou os seios, oferecendo-lhe — Por favor?

Ele baixou a vista para ela e a olhou por um longo momento, depois ficou de pé e abotoou as calças.

— Abotoe a camisa, Raye. Disse que este não era um bom momento.

Ela sentiu como se a tivessem esbofeteado — Está me rejeitando?

— É obvio que não. Faremos mais tarde. Vamos, se levante — Ele pegou seus óculos da mesa e os pôs.

Raye levantou lentamente, apertando sua blusa aberta contra seu corpo. — Terá sorte se houver um “mais tarde”.

— Que demônios supõe que significa isso?

— O que você acha? Possivelmente esteja farta de ser sua boneca inflável. Sabe? Não é emocionante que alguém que não está aí te agarre.

A confusão revoava pela cara dele.

— O que quer dizer com não está aí?

— Não comigo — Disse Raye lentamente — Que não dispõe de atenção. Está no piloto automático a cada vez que fazemos amor, Ian. É como se batesse uma punheta. Só pensa neste maldito café.

Ele apertou a mandíbula.

— Se não pensar no café, estaremos em um julgamento por falência. Amadureça, Raye — Ele se deixou cair em sua cadeira e girou para seu computador.

A visão de Raye se cobriu de manchas vermelhas.

— Não me dê as costas, Ian MacLeod! Começamos esta briga e vamos terminar.

Ele agarrou o mouse e deslocou a página para baixo.

— Eu não comecei esta briga, Raye. Você o fez. E eu não tenho nenhuma intenção de continuá-la.

Capítulo dois

— Não sei, Maggie. Talvez Ian já não me ame mais.

Raye afundou em uma acolchoada banqueta atrás do balcão na “Magia das Montanhas”, a loja ao lado do “Café e Pãezinhos”. A proprietária, Maggie Dunstan, era uma mulher mais velha, escocesa, simples, com um prolixo cabelo branco e óculos de leitura. Via-se como a avó de qualquer um, mas mesmo assim, Raye sempre pensou que havia algo um pouco estranho em Maggie. Algo relacionado com bruxaria. Ian insistia que era só a imaginação muito ativa de Raye.

Maggie bateu na mão de Raye. — Ah, vamos, moça. O moço te ama. Posso ver em seus olhos.

Raye encolheu os ombros.

— Não pode ser tão mau— Disse Maggie amavelmente.

— É. — Disse Raye — Acredito que… Ai, Maggie, temo que Ian e eu já não estamos bem. Distanciamo-nos tanto. Não sei se poderemos consertar as coisas.

A mulher mais velha estalou a língua — Não pode se dar por vencida em seu casamento, moça.

— Que casamento? Ian e eu já quase nem falamos, exceto sobre o café. E ele quase nunca está interessado em… — Raye fechou a boca abruptamente, enquanto o calor fluía por suas bochechas.

Maggie só riu baixinho — Então assim estão as coisas, né?

— Assim e pior — Respondeu Raye desanimadamente.

— Não se preocupe, moça. Seu homem voltará para você.

— Assim espero.

Maggie apoiou sua bengala diante de si e se levantou com dificuldade do assento, com uns braços que se viam notavelmente fortes para uma mulher de mais de oitenta — Poderia cuidar da loja um pouquinho? Sinto necessidade de estirar minhas velhas pernas. Irei aqui ao lado eu mesma para tomar uma xícara de seu rico café.

Raye apoiou sua bolsa sobre o balcão. Cuidar da loja de Maggie não seria nada difícil. Na “Magia das Montanhas”, com sua embolorada coleção de livros velhos e objetos de arte de segunda mão, havia inclusive menos movimento que no “Café e Pãezinhos”. O estranho era que Maggie nunca parecia ter problemas de dinheiro.

Ah, claro. Possivelmente tinha pedidos pelo correio.

Maggie acomodou o xale do tartán sobre os ombros.

— Espera — Disse Raye — Está caindo — Ela se estirou sobre o balcão para acomodar o xale de Maggie. Ao mover seu braço para trás outra vez, tocou sua bolsa com o cotovelo e a derrubou.

Paixões nas Montanhas Escocesas caiu sobre o balcão. Antes que Raye pudesse colocar o volume caído outra vez em sua bolsa, Maggie o levantou.

Manteve-o a certa distância — Ai, ai, ai.

Raye reprimiu um gemido de vergonha. Kieran MacKenzie aparecia em toda sua gloriosa nudez na capa; o punho de sua espada mal cobria sua legendária jóia de família. Estava parado sobre uma ondulada colina das montanhas escocesas, com seu cabelo negro agitando-se sobre seu pescoço. O Castelo Dunhardie, seu lar de infância, encarapitava-se em um longínquo escarpado bem por cima de seu ombro. Seus olhos eram escuros e torturados, mas seu queixo denotava a decisão de recuperar seu direito de nascimento que tinha sido roubado. Tess se agarrava a ele, com seus cachos de cabelo avermelhados caindo pelas costas e seus grandes seios sobressaindo de um vestido muito leve para um inverno nas montanhas escocesas.

— Ah, que rapazinho tão bonito é este — Disse Maggie — Estou pensando que sua moça não tem queixa no quarto.

Raye tossiu para dissimular que ficou sem fôlego pelo impacto — Não — Grasnou — Ela não tem nenhuma queixa.

— Uma pena que ele não seja real — Disse a anciã brandamente, enquanto olhava Raye.

— Mais queria eu — Disse Raye.

— Sim? De verdade queria ter este homem com amante?

—Siiim — Disse ela — Sim, queria — Raye tocou a imagem de Kieran — Ele é valente. Forte. Procura à mulher apropriada para que cure sua alma atormentada — Um suspiro escapou de seus lábios —E seu corpo… Que mulher não desejaria um homem assim?

O brilhante olhar de Maggie pousou em Raye — Os desejos têm poder, moça. Não devem ser pedidos com leviandade. Às vezes trazem coisas que não esperamos — Olhou Kieran MacKenzie e depois disse — Incomodaria-se de me emprestar seu livro? Só um pouquinho. Estou pensando que este moço seria um bom companheiro enquanto descanso e tomo um café.

Raye quase se afogou — Mas essa… bem… Não é a típica novela romântica. É… — Ela baixou a voz, embora não houvesse ninguém na loja à exceção delas duas —Erótica. Não acredito que...

Maggie riu baixo — Sou uma velha, moça, mas fui uma esposa jovem uma vez e não esqueci ainda — Ela deslizou o livro dentro da bolsa encostada em sua bengala. Sem poder fazer nada, Raye a olhou arrastar os pés para sair da loja.

Era difícil imaginar Maggie lendo Paixões nas Montanhas Escocesas enquanto tomava um café. Mesmo assim, uma mulher tinha que estar morta para não desfrutar ler sobre Kieran MacKenzie. E Raye tinha a sensação de que Maggie, velha como era, ainda estava muito longe da tumba.

Privada de seu material de leitura, Raye se acomodou na banqueta de Maggie.

"Magia das Montanhas" era uma loja diminuta, menor ainda que "Café e Pãezinhos". Os livros cobriam as paredes do piso até o teto, e Raye teria apostado de boa vontade que nenhum tinha menos de cinquenta anos. Um aroma de mofo facilmente distinguível se agarrava aos suportes. O tema era completamente escocês: história, castelos, arte, folclore.

Um tomo, maior que o resto, estava apoiado sobre o balcão, ao lado do caixa, como se Maggie o estivesse lendo. Estava encadernado com um estragado couro verde e o título dourado

que tinha gravado era apenas legível.

Impostores.

Com curiosidade, Raye abriu a capa, cuidando de não estragar as antigas páginas interiores. O livro estava impresso com um tipo de letra muito antigo, que exsudava um ar de mistério.

Intrigada, começou a ler.

Impostor: uma criatura da espécie das fadas que toma o lugar de um humano, geralmente um menino. Um desejo malicioso lhe dá o poder. A mudança se realiza ao amanhecer, acompanhado pela risada das fadas. Os habitantes da casa não sabem que a mudança teve lugar, já que o Impostor toma o aspecto do ser amado. Entretanto, este é um aspecto falso. O encantamento das fadas oculta os verdadeiros traços do Impostor.

Não obstante, logo a fada se fará ver. Um Impostor faz magia com a gaita de fole ou o violino, enfeitiçando todos os que o escutam. Encanta tudo o que toca. Sua fome é enorme e nunca se satisfaz, já que um Impostor não tem alma.

Para desfazer-se de um Impostor em seu lar, você deve…

Raye olhou para cima quando a porta da loja de Maggie se abriu, deixando passar um casal de meia idade que possivelmente seriam os únicos clientes de Maggie nesse dia. Raye fechou o livro e levantou para saudá-los, com um grande sorriso no rosto.

Entraria o pênis de Kiernan por sua passagem virgem? Tess estremeceu só de pensar.

A boca dele cobriu a dela em uma posse carnal, sem lhe dar trégua. Os temores de donzela de Tess se liberaram com toda a fúria, como folhas apanhadas em um vendaval. Uns lábios ásperos a saqueavam, exigindo entrar. Este não era o beijo terno que tinham compartilhado no jardim. Esse beijo tinha sido só um chamariz; Tess agora se dava conta. Ele a estava perseguindo, como uma corsa ou um filhote, e agora ela estava em seu poder. Ele a possuiria agora, desejasse ela ou não.

Ela o desejava.

Ele reclamou seu direito ao corpo dela, com sua boca descaradamente erótica sobre a dela. Seu beijo acendeu o fogo no interior de Tess e atiçou as chamas até que ela pensou que seria consumida pelo desejo que sentia por ele. Santo céu, como adorava! A umidade jorrava de seu centro enquanto a língua de Kieran dominava a dela. Antes que saísse o sol, seu pênis dominaria sua vagina.

Choramingou do mais profundo de sua garganta. As mãos de Kieran passeavam por seus ombros, seus seios e seu traseiro, e de uma maneira nada suave. Ele se moveu, ficando sobre ela, a capa do colchão, feito de palha, rangia debaixo de seu peso. Seu enorme pênis examinava suas suaves dobras.

O medo aflorou, fazendo que seu coração pulsasse muito forte. Como poderia receber o

maior pênis de toda a Escócia?

— Vai doer — Choramingou ela.

— Isso não vou negar, moça — Respondeu Kiernan. Mas sua voz áspera soou estranhamente gentil.

— Vem para cama?

Raye levantou a cabeça bruscamente. Ian estava parado na porta, com os braços cruzados sobre seu peito nu. Usava as calças do pijama que sua mãe tinha comprado no ano passado para o natal. Não era um bom sinal. Geralmente ele dormia nu.

Com um movimento suave, ela fechou Paixões nas Montanhas Escocesas com a capa para baixo, mas não antes que ele pudesse ver. Ele afinou os lábios, mas não disse nada.

Ela suspirou. Raye queria resolver as coisas, como tinha insistido Maggie, mas Ian nem sequer a tinha olhado desde que voltou para o "Café e Pãezinhos". Jantaram separados, depois fecharam e conduziram para casa em silêncio. Dentro de seu diminuto apartamento, Ian se dirigiu ao quarto, enquanto Raye fugia para o living para se refugiar em Paixões nas Montanhas Escocesas.

Olhou o livro dissimuladamente, desejando que Ian saísse para poder continuar com o primeiro encontro sexual entre Tess e Kieran. Não tinha como Raye ler sobre Kieran trespassando seu enorme pênis dentro da vagina virgem de Tess enquanto Ian estava parado aí, olhando-a.

Ela se moveu em seu assento — Em um momento vou para cama.

Os escuros olhos de Ian a olharam fixamente por um par de segundos mais — Passa da meia-noite, sabe. Temos que nos levantar às cinco.

— Sei a que hora temos que levantar.

— Boa noite, então — Ele desapareceu pelo curto corredor até o quarto.

Raye suspirou. Ian tinha razão. Se não fosse para a cama logo, não poderia se levantar a tempo para abrir o café. Fechou o livro e passou um dedo pela fotografia de Kieran MacKenzie.

O maior pênis da Escócia teria que esperar até amanhã.

Capítulo três

Raye deu a volta, enquanto sua mente registrava vagamente o fato de que Ian já não estava na cama.

A ducha estava aberta a não mais poder. Maldição. Isso queria dizer que eram entre cinco e dez e cinco e vinte. Ela podia pôr o relógio em hora seguindo a rotina de seu marido. Voltou a dar a volta e pôs o travesseiro sobre sua cabeça. Deus, o que não faria por outra hora de sono. Ela ficou recostada ali, imóvel, até que Ian fechou a água.

Foi então que escutou. Uma risada feminina, que vinha do banheiro.

Que dem...? Raye sentou. Ian estava escutando rádio no banheiro? Ele nunca tinha feito isso. Desconcertada, desceu as pernas pelo lado da cama e caminhou descalça até a porta.

A risada ficou mais forte. Não era uma mulher, e sim várias, sussurrando e rindo. Havia palavras também, mas por mais que quisesse, não podia entender. Era quase como se estivessem falando em outro idioma.

Uma crescente sensação de mau presságio deslizou pela coluna de Raye.

Deu a si mesma uma sacudida mental. Tinha que ser o rádio. Uma estação estrangeira, mas só Deus sabia por que seu marido estava escutando algo assim. Ele preferia rock clássico.

— Ian?

Não houve resposta.

Ela pôs a mão sobre o trinco — Ian? — A risada se deteve e ficou só o silêncio. Estranho. Muito estranho.

Raye moveu o trinco e abriu a porta. Ian estava parado em frente ao lavabo, com uma toalha envolta ao redor da cintura, franzindo o cenho a seu barbeador elétrico. Não havia nenhum rádio ali, pelo menos que ela pudesse ver.

— Escutou isso…? — A pergunta morreu em seus lábios quando ele deu a volta para ela.

Por um minuto que pareceu durar uma eternidade, Raye não pôde mais que olhar. Havia algo diferente nele. Sua face era a mesma, mas de ao mesmo tempo não era. Suas belas feições eram mais afiadas, seus olhos escuros tinham um estranho brilho. Ele parecia mais alto, de algum jeito, e mais corpulento. Os músculos de Ian sempre se avultavam sobre seu peito com um ritmo tão sensual? Nunca tinha notado. Umas brilhantes gotas de água penduravam e deslizavam por seus peitorais e seus abdominais.

Ela observou como uma gota caía em seu umbigo, depois mais abaixo, para o vulto debaixo de sua toalha.

— Ian?

Seus olhos escuros rastelaram o corpo dela. Um sorriso estirado, quase doloroso, apareceu em seus lábios. Apoiou o barbeador elétrico sobre a frasqueira e deu um passo para ela.

— Vou possuí-la agora, moça. Tire essa camisola.

Raye ficou sem fôlego. Devia ter tentado umas mil vezes que Ian fizesse uma cena de Paixões nas Montanhas Escocesas. E justo ontem, no depósito, se negou rotundamente a fingir um sotaque escocês. A ele simplesmente não interessava adicionar um pouco de faísca a sua vida sexual dessa maneira.

Ao menos não tinha interessado.

Não podia acreditar que tivesse mudado de ideia. Ela precisava voltar a escutar — O que disse?

— Escutou-me — Grunhiu Ian — Se dispa.

Um comichão de excitação provocou sua vagina — Agora? — Perguntou ela, enquanto seu

pulso se acelerava — Está seguro? Temos que sair para o trabalho em minutos.

— Moça, não irá a parte alguma, exceto minha cama.

Suas mãos caíram sobre os ombros dela. Exercendo uma firme pressão, a fez caminhar para trás, fora do banheiro. Para a cama.

A umidade gotejava pelas coxas nuas de Raye — Muito bem — Disse ela, em tom elevado, de repente.

A parte traseira de suas pernas golpeou contra o colchão, e ela caiu, esparramada sobre suas costas. Ian se elevava imponente sobre ela; a expressão em seu rosto era um delicioso estudo da luxúria pura.

Ah, sim!

— Vou te marcar como minha, moça. Quando tiver terminado com você, não moverá um músculo sem recordar quem é seu amo.

Ela riu. Essa forma de falar de macho a excitava como louca. Mas Ian não gostava de fazer isso tampouco; mal podia acreditar que ele tinha criado esta fantasia para ela agora. Possivelmente era sua maneira de dizer que lamentava que tivessem brigado.

Ele parou na borda da cama e passeou seu olhar quente pelo corpo dela. — Disse que se dispa — Disse, com uma voz com um matiz duro e delicioso — Não tolerarei nenhuma desobediência.

Tomando o tecido da camisola de Raye entre suas mãos, rasgou o objeto do decote até a barra.

Da vagina de Raye jorrava nata. Ian se elevava imponente sobre ela.

Uma risada histérica borbulhou em sua garganta —Isto é uma loucura, disse ela.

— Que homem poderia permanecer lúcido frente a sua beleza?

Raye ficou sem fôlego. Kieran MacKenzie havia dito exatamente as mesmas palavras a Tess. Como Ian soube …?

— Hã… Esteve lendo meu livro?

O olhar de Ian rastelou seu corpo; seus olhos escureceram. Um som que Raye só poderia descrever como um grunhido saiu violentamente da garganta dele — É um sonho, moça.

Ai, Deus. Também Kieran havia dito isso a Tess.

O coração de Raye se agitou. Era completamente demente, mas estar aqui recostada, com o amplo corpo de Ian enchendo sua visão, era quase como se Kieran MacKenzie tivesse ganhado vida.

Ela engoliu em seco. Possivelmente tinha lido Paixões nas Montanhas Escocesas muitas vezes.

Ian se endireitou, enquanto sua mão se movia para desatar a toalha ao redor de sua cintura. O olhar de Raye seguiu seus movimentos, enquanto continha a respiração, esperando que o tecido de toalha, formando uma barraca, caísse ao chão. Era sua imaginação ou a ereção de Ian parecia maior que das outras vezes?

A toalha caiu sobre o tapete.

Ai... Deus... Meu.

O coração de Raye quase deixou de pulsar.

Ela devia estar alucinando. Ou isso, ou seu marido esteve respondendo aos correios maciços que prometiam aumentar o pênis pelas suas costas.

O pênis de Ian estava facilmente duas vezes maior do que devia ser. Era mais largo que seu consolador mais largo, e estava segura que seu polegar e seu dedo médio nem se aproximavam de tocar-se se o envolvesse com sua mão. E a cabeça… Tragou saliva. A polpuda e brilhante cabeça era quase do tamanho do punho dela.

Merda.

Não havia forma que essa coisa coubesse dentro dela.

A cama afundou sob o peso de Ian ao ficar em cima dela, e seu engrandecido pênis ferroava a coxa de Raye. Ela se enterrou no colchão, sem estar segura de estar pronta para um round com o Sr. Pênis Superdimensionado.

— Tão formosa — Ian enrolou em seu dedo uma mecha do cabelo de Raye. — É da cor de… — Franziu o cenho.

Raye conteve a respiração. O cabelo de Tess era avermelhado e brilhante, o dela era cacheado e marrom.

— … De um campo recém-arado — Concluiu Ian.

Um campo recém-arado? Em Paixões nas Montanhas Escocesas, Kieran MacKenzie comparava os abundantes cachos avermelhados de Tess a um incêndio arrasador. Mas, é obvio, isso não combinava. E além disso, possivelmente Ian não leu essa passagem.

O olhar dele desceu para seus peitos — Seus seios são como… bem… — Voltou a franzir o cenho —Como tangerinas amadurecidas.

Ela o olhou furiosa. De verdade. Isso era o melhor que podia fazer? Kieran havia dito que os seios de Tess eram como — melões amadurecidos, doces como o mel do verão — Embora a gente forçasse a imaginação, os seios de Raye não eram do tamanho de melões, pelo contrário. Mas tangerinas? Por favor!

— Basta vê-la para que um homem perca a razão — Ian inclinou a cabeça e colocou um mamilo dentro de sua boca.

Bem. Isso estava melhor. O desejo atravessava o estômago de Raye como a folha de uma adaga bem afiada. Seus dedos se enredaram no cabelo de Ian e este ancorou a boca em seu seio. Tinham passado meses, não, anos, da última vez que se sentiu assim excitada.

Ian deixou um mamilo e pôs sua atenção no outro. Sua mão deslizou sobre o ventre de Raye e depois viajou para a empapada vagina. Ela retorceu seu traseiro, levantando seus quadris para a mão dele. Seus largos dedos a penetraram, retorcendo-se e palpitando. Uma série de convulsões explodiram em sua vagina.

Ela gemeu quando seu polegar encontrou o clitóris. A umidade jorrava de seu centro e gotejava pela raia de seu traseiro. Os lençóis estavam empapados. Ia ter que trocá-los, mas não se importava.

Ian mordeu brandamente seus mamilos: primeiro um, depois o outro, sem quebrar o ritmo de seu dedo e seu polegar nem uma vez. Raye se agarrou aos seus ombros. Estava-se aproximando, muito, e sabia quando estava para gozar: ia ser bom. Apertou os quadris contra sua mão.

— Ai, Deus, sim, Ian. Sim. Mais duro.

Normalmente, Ian respondia a suas demandas. Mas não esta manhã. Como disparada por sua súplica, a mão dele deslizou do corpo dela. Um instante depois, a boca dele deixou seu seio. Raye gritou ao sentir que seu clímax retrocedia.

— Volte — Rogou — Estava tão perto. Por que parou?

— Parei? — Ele riu em voz baixa — Ah, moça, acabamos de começar.

Ele acariciou a pele sensível da parte interior de suas coxas com as palmas de seus fortes dedos. Empurrou suas pernas para as separar e as levantou sobre seus ombros. Ray respirou profundo. Fazia séculos que Ian não a chupava. O último pensamento dela, antes que sua língua a tocasse, foi que tinha passado muito tempo.

Ela estremeceu enquanto ele a comia. Seus quadris se sacudiram quando seus lábios apanharam seus clitóris. Ele excitou seu sensível broto com a língua, depois levantou o capuz sobre a cabecinha e chupou. Seus dedos amassavam o interior de suas coxas, depois deslizavam dentro de sua vagina, flexionando-se e retorcendo-se.

O prazer crescia. Recuava. Crescia de novo. Ian redobrou seus esforços, enlouquecendo-a mais. Os quadris dela se moviam para acomodar-se ao ritmo dele. A cabeça dela e sacudia para trás e para frente. Ela estava na borda, esse lugar terrível onde tudo se sentia tão bom, mas não era suficiente. Ela estava perdida em um mundo de sensações que formavam redemoinhos e cambaleavam, satisfeita mas ao mesmo tempo necessitada. Mas se aproximava o fim. Só uns poucos segundos mais…

— Ai, Deus — Raye fechou o punho ao redor do cabelo de Ian e se agarrou forte. Seus quadris sacudiram. De sua garganta saíam sons soluçantes.

Ian levantou a cabeça.

— Nãooooo! — Raye gritou — Não pare! Me faça gozar!

Ele subiu sobre ela — Sim, farei que goze, moça. Encherei sua doce vagina com meu duro pênis.

Seu pênis. Merda! Se esqueceu de seu monstruoso membro! Ela se retorceu, tentando retroceder na cama, mas não chegou longe. Os braços dele a rodearam como um parafuso de banco.

— Ian, não estou tão segura…

— Se cale, moça.

— Olhe, façamos uma pausa, sim? Falaremos disto. O que tomou para fazer que seu pênis crescesse assim? Quanto vai durar? Porque não estou segura de querer foder até que não volte ao seu tamanho normal.

Ele afundou um joelho com firmeza entre as coxas dela, abrindo-a.

—Se cale — Repetiu. Sua voz era mais firme agora, como se esperasse que ela obedecesse.

Estava louco? Ler sobre a dominação de Kieran sobre Tess em Paixões nas Montanhas Escocesas era divertido, mas Raye tinha seus limites na vida real — Escuta, Ian...

Ele a fez calar com um beijo. Subiu sobre ela, sustentando seu peso com seus braços rígidos e com a cabeça de seu pênis quente sobre a vagina dela. Os quadris dele se moveram de novo, e sua haste invadiu a vagina. Só uma polegada, mas ela já se sentia cheia.

Ela liberou sua boca de um puxão — Ian — Sussurrou —Vai doer — Ele riu em voz baixa — Isso não vou negar, moça.

Maldição. Ele devia ter lido a cena da consumação em Paixões nas Montanhas Escocesas. Não a surpreendia, considerando a dobra das folhas. Sem dúvida, o livro abriu justo nessa página.

Ian voltou a beijá-la, acomodando uma polegada mais dentro de seu corpo. Raye se obrigou a relaxar. Depois de tudo, Tess tinha se submetido ao incrível pênis de Kieran e bastava ver o que tinha acontecido. Tinha gozado até que explodiram seus miolos.

Outra polegada. Havia uma dor ardente, mas também ardentes quebras de ondas de prazer. Agarrou-se aos ombros de Ian.

—Já quase, amor —Os dedos dele excitavam seus seios, distraindo-a momentaneamente. Depois, com um brusco movimento de seus quadris, ele afundou até as bolas.

Ela ficou trespassada. Empalada. Quase partida ao meio. Total e completamente possuída. Ian ficou quieto por um momento, com sua testa apertada contra a dobra do pescoço dela — Nossa, moça. Fazia um ano que não estava com uma virgem, e nunca com uma tão estreita.

E depois começou a mover-se. Deus bendito, foi incrível.

Cada investida era puro prazer. A enorme cabeça de seu pênis estimulava terminações nervosas que Raye nunca soube que existiam. Foi como se toda sua vagina se convertesse em um grande ponto G.

Ela gritou. Ian acelerou o ritmo, deslizando para dentro, depois para fora, empurrando-a mais ao êxtase. Ela se agarrou aos lençóis; respirava com ofegos e gemidos. Tentou, mas era impossível mover-se com ele. O prazer era muito. Era como se ele tivesse tomado o controle de seu corpo, dominando-o até obter respostas. Ela estava na crista de um maremoto, pendurando sobre as escuras profundidades de um mar puxador, pronta para mergulhar no desconhecido.

Seu cérebro deixou de funcionar. Era um ente de prazer cru e doloroso, que vivia só para os embates e puxões do enorme membro dentro dela. Ela gemeu de novo, com um som comprido e parecido a um lamento.

— Isso, moça. Deixa que venha. Deixa que venha com força.

A onda rompeu, jogando-a por cima dela. O coração dela pulsava com força. O sangue arrebatou nas orelhas. Seus músculos internos se apertaram em um delicioso espasmo.

O grito de Raye retumbou contra as paredes quando mergulhou em um selvagem mar de sensações. Ian golpeava dentro dela, movendo-se como um homem possuído. Seu orgasmo

parecia não terminar nunca. Onda após onda de agudo prazer atravessaram seu corpo, precipitaram-se por suas veias, até que esteve segura de que cada célula em seu corpo estava repleta dele. O corpo de Ian estava tenso. Seu membro endureceu dentro dela, disparando um segundo orgasmo explosivo na sensibilizada vagina de Raye. Ele gritou e seu leite quente disparou dentro dela.

Ela se agarrou a ele quando seu ritmo desacelerou, contendo a respiração, como também o fazia ele. Finalmente desabou, esmagando-a contra o colchão, ainda semirrígido dentro dela.

Ela sorriu, tirando brandamente o cabelo úmido da testa dele — Isso foi incrível — Sussurrou ela — Deveríamos fazer de novo alguma vez.

Ele levantou um pouco a cabeça — Ai, moça, não pensará que já terminou, ou sim?

Os olhos de Raye se arregalaram. Ian continuava no personagem, até depois desse incrível clímax? E queria voltar a fazê-lo, agora mesmo?

Aparentemente, o efeito da fórmula que fosse que tivesse tomado não acabou ainda.

Ele se levantou, e com uma mão forte sobre a cintura dela, a fez dar a volta sobre seu estômago — De quatro, moça.

Por Deus. A posição de quatro era sua favorita. Como seria com o membro aumentado de Ian? A palma de sua mão a pegou no traseiro, e a palmada a atravessou como um raio — Mais erguida, moça.

Ela arquejou, totalmente excitada. Apertou sua testa contra um travesseiro e meneou seu traseiro no ar — Me foda, Ian.

— Será um prazer, moça.

Ele agarrou pelos quadris e penetrou com uma investida longa e dura.

— Ai, Deus.

Ele impôs um ritmo rápido, seus quadris pistoneavam, seus dedos se agarravam aos ossos do quadril dela tão fortemente que ela estava segura que deixaria hematomas. Não se importou. A dor adicionou uma aresta incrível ao seu prazer, e o membro de Ian, bom, simplesmente não havia palavras para descrevê-lo. Ele a penetrou intensamente, suas bolas golpeavam contra sua vagina a cada investida, seus dedos exploravam a raia entre os socos de seu traseiro. Outra maravilha, Ian geralmente evitava seu ânus. Agora colocava os dedos na apertada abertura como um profissional.

A sensação era incrivelmente erótica — Sim — Gemeu ela — Ah, sim.

O dedo dele deslizou pelo buraco dela, apertando e girando, em contraste com o ritmo do membro na vagina. Raye levantou seus quadris, e um segundo dedo se uniu ao primeiro, causando uma breve sensação de dor quando o nódulo deslizou além de seu esfíncter. O desconforto se esfumou quando seus dedos se flexionaram dentro dela. Cada terminação nervosa de seu corpo estremeceu de prazer enquanto seu clímax saía de controle até seu ponto máximo.

Quase riu a gargalhadas. Quando foi a última vez que gozou duas vezes em um mesmo encontro amoroso? Há muitíssimo tempo, isso era certo.

Gritou quando a arrasou o orgasmo. Ian seguiu bombeando com seu membro e dedos,

gerando uma série de sacudidas tardias. Ela se montou em cada uma delas, ofegando e gemendo, com sua vagina mamando o incrível membro, e seu ânus contraindo-se ao redor dos dedos dele.

Finalmente, ele deixou seu corpo e a acomodou sobre os travesseiros, onde se recostou débil, saciada e exausta. Ian se aconchegou ao lado dela. Permaneceram assim durante o que pareceu ser um longo momento, até que Raye juntou força suficiente para abrir um olho.

O relógio da mesa de luz brilhava com uma luz vermelha de desaprovação. 6:57.

Merda.

Passou da hora de abrir o café. Sem vontade, deu a volta e deu uma cotovelada em Ian. Ele não se moveu.

— Ian! Levante! Temos que ir trabalhar — Ele abriu um olho e a olhou.

—Trabalhar?.

—Sim, trabalhar. Supunha-se que devíamos abrir às seis. São quase sete. A garota nova que contratamos virá às oito.

Ian a olhou com os olhos em branco.

— Está acompanhando? — Disse ela —Café e Pãezinhos? Lembra?

Finalmente, chegou o entendimento — Ah, sim. O café — Ele sorriu, como esperando um prêmio.

Raye levantou da cama, ignorando os protestos de seus músculos. Ian realmente a tinha espancado. Ela sorriu, repetindo a cena em sua mente enquanto entrava no banheiro e abria a ducha.

Um minuto depois, ele entrou.

Ela deu seu sorriso mais brilhante — Isso foi fantástico — Disse-lhe ela — Você esteve fantástico.

— Ah, moça, você é especial — Ele a tomou entre seus braços, abraçando-a enquanto a água caía sobre suas cabeças. Seu membro endureceu outra vez, outra vez! Ferroando contra seu estômago.

Em Paixões nas Montanhas Escocesas, Kieran e Tess o fizeram debaixo de uma cascata. Isso queria dizer…?

Aparentemente sim. Ian ensaboou seus seios, seu estômago, sua vagina — Não me canso de você, moça. Mal deixo seu corpo, já quero estar dentro de você outra vez — Ele a beijou, profundamente, depois se afastou para olhá-la nos olhos — Sonhei com você, moça — Seu olhar se deslocou lentamente até sua boca — Sonhei com seus lábios…

Raye fechou os olhos e deixou que sua cabeça caísse para trás, pronta para o beijo cativante que Kieran deu em Tess sob a cascata. Nunca chegou. Em vez disso, suas grandes mãos se fecharam sobre seus ombros, empurrando-a para baixo — Desliza meu membro entre seus lábios, moça.

Os joelhos dela golpearam contra o mosaico — Quer uma mamada? Perguntou ela, olhando para cima através do vapor da água.

— Sim, moça.

Bom, não estava no roteiro, mas supôs que um pouco de improvisação era bom. Agarrou-se por seus quadris, abriu a boca e o pôs dentro.

Ou tentou, em tal caso. A cabeça de seu membro era tão endemoniadamente grande que foi uma tarefa difícil. Ela se afastou um pouco — Não sei, Ian…

Ele a agarrou por trás da cabeça e a guiou para que voltasse a tentar. — Faça, moça.

Ela abriu a boca tanto como pôde, tentando acomodá-lo. Era terrivelmente incômodo, entretanto. A água continuava entrando nos olhos e no nariz, fazendo que se afogasse.

Ian não parecia notar. Continuou deslizando seu grande membro, enredando os dedos em seu cabelo, lhe imobilizando a cabeça. Ele fodia sua boca duramente, empurrando fundo. Raye fez o melhor de si para mamá-lo até a garganta. Foi uma tarefa difícil. Mas depois dos devastadores orgasmos que Kieran tinha lhe dado, era o mínimo que podia fazer.

Depois do que pareceu uma eternidade, ele o tirou. Levantou-a enganchando as mãos debaixo de seus braços. Empurrando sua coluna contra a parede da ducha, empalou sua vagina em seu membro.

— Outra vez? —Disse Raye ofegando. Ela estava ficando sem forças, mas Ian não mostrava o mínimo sinal de querer parar. O que seja que tivesse pago por esse produto engrandecedor, estava tirando proveito do investimento. O problema era: sobreviveria ela até que passasse o efeito?

Ele a fodeu até enlouquecê-la. Ela gritou quando seu terceiro orgasmo explodiu, quente, duro e interminável. Seu membro bombeava dentro dela, golpeando contra a entrada de seu útero. Seu orgasmo se partia e multiplicava, sacudindo seu corpo maltratado. O prazer parecia não ter fim; ela estava segura de que continuaria até o infinito.

Deve ter desmaiado, porque quando se deu conta, estava recostada na cama, com gotas de água ainda caindo de sua pele. Ian a secou com uma toalha suave, causando um ponto de dor de tanto em tanto, quando a felpa esfregava seus inflamados seios e vagina. Ela estava muito esgotada para protestar, entretanto.

Quando ele terminou finalmente, ela se levantou da cama, apesar da queixa de seus músculos. A hora da fantasia tinha terminado. O mundo real, também conhecido como "Café e Pãezinhos", os esperava.

Ele se levantou enquanto ela coxeava pelo quarto — Onde acha que vai, moça?

Ela deu a volta e sorriu compungida — Realmente eu adorei o jogo de sotaque, Ian, mas acredito que já podemos deixá-lo — Assinalou o relógio com sua cabeça — São sete e trinta e cinco. Temos que ir.

— Não irá a lugar nenhum.

Ela soprou — Ah, deixa de bobeira — Ela abriu o armário.

Ele a puxou pelo pulso — Digo a sério, moça. Você não deixará minha cama. Não até que seu pai firme o contrato de compromisso matrimonial.

Raye piscou enquanto o olhava. Tinha lido tanto de Paixões nas Montanhas Escocesas? Um

estremecimento de apreensão vibrou em seu ventre. No capítulo anterior à cena da cascata, Tess, presa pela culpa, declara sua intenção de voltar para a casa de seu pai. Kieran, enfurecido, ata-a na sua cama.

Mas seguro que Ian não chegaria a esse extremo.

— Você é minha — Disse ele com um grunhido — Não deixarei que esqueça —Agarrou rapidamente o cinto de seu robe do chão. Antes que Raye soubesse o que tinha acontecido, seu pulso direito estava atado à cabeceira de bronze da cama.

Raye falou sem fôlego — Me deixe ir!

Ele deu um amplo sorriso.

— Não.

— Que tolo! — Raye gritou, puxando o cinto. Não cedeu uma polegada.

Ele deu volta e caminhou até a cômoda.

Ela cravou as unhas no nó, sem nenhum resultado — Ian! Volte aqui e me desamarre!

Ele apareceu ao seu lado, com três gravatas pendurando de seus dedos. Os olhos de Raye se arregalaram — Ah, não, não o fará.

A mão dele se fechou sobre seu tornozelo, puxando-o para os pés da cama. Ela deu um chute selvagem, tentando puxar sua perna para se liberar, sem êxito. Ian atou fortemente seu tornozelo, depois repetiu o processo com a outra perna. Fez o mesmo com seu braço livre, rindo enquanto se esquivava dos murros de Raye.

Quando terminou, ela ficou deitada sobre a cama com os braços e as pernas abertas, e ofegando pelo esforço de lutar com ele. Ele se aproximou. Seu membro estava incrivelmente duro outra vez. Tinha uma expressão acalorada nos olhos.

— E ai, carinho, estava esquentando.

— O que vai fazer comigo agora? — Perguntou ela sem fôlego, repetindo a linha de Tess em Paixões nas Montanhas Escocesas. Kieran tinha respondido com outra fodida devastadora. Depois desamarrava Tess, a abraçava forte em seus braços e declarava seu amor eterno.

Mas o olhar de Ian se desviou ao relógio — Terá que esperar para descobrir, amor.

— Espera um minuto — Protestou Raye — Assim não é como se supõe que aconteça.

Seu olhar voltou para ela, acariciando seu corpo, permanecendo em sua vagina exposta. Apareceu um sorriso brincalhão nos lábios — Os desejos raras vezes resultam como você esperava, moça.

— Que demônios significa isso?

Ele não respondeu. Para surpresa de Raye, ele revolveu o fundo do armário, tirando o kilt e o tartán que ela tinha comprado na loja de Maggie, o disfarce de escocês que até agora se negou a usar. Uma vez vestido, estirou-se até um suporte alto e pegou a gaita de fole de seu avô.

Raye o olhou, entretida, enquanto Ian examinava o instrumento, fazendo ajustes como se realmente soubesse o que fazia. Encheu os pulmões de ar e soprou uma nota experimental, um tom estranhamente lastimoso. Depois, guardando o instrumento debaixo do braço, dirigiu-se à porta.

Sua voz saiu — Ian, não se atreva a me deixar assim — Ela puxou suas ataduras — Me desate. Agora mesmo.

Ele deu volta e sorriu. Ele não usava seus óculos; ainda estavam sobre a mesa de cabeceira, onde os tinha deixado na noite anterior. Seus olhos escuros ardiam, e por um instante Raye pôde ver algo atrás deles. Algo frio e sem alma. Instintivamente, se encolheu.

— Moça — Disse ele —Caso não tenha notado, não está em posição de exigir nada.

Capítulo quatro

Foi um milagre que a irritação de Raye não queimasse as cordas. Como se atrevia Ian a deixá-la aqui, atada na cama? Isto não era nada sexy. Era mais incômodo que a merda.

Picava-lhe a perna e não podia coçar. Puxou tanto as cordas que suas mãos adormeceram. Tinha que ir ao banheiro e apertar as pernas definitivamente não era uma boa opção. E se molhasse a cama antes que Ian retornasse? Essa ideia era muito humilhante para considerar.

Poderia se desatar sozinha? O cinto do robe que prendia seu pulso direito parecia um pouco menos ajustado que as gravatas que seguravam suas outras extremidades. Possivelmente poderia desatá-lo.

Flexionou a mão e travou as pontas dos dedos no nó. Lentamente, moveu-os debaixo do tecido rugoso. Passou uma hora. Fez um pequeno progresso, afrouxando o nó o suficiente para deslizar um dedo dentro dele. Passou outra hora e ela tinha desatado o laço exterior do nó. Na hora do almoço, seu estômago fazia ruídos e sua bexiga estava a ponto de explodir. Maldito Ian. Em que diabos estava pensando ao deixá-la assim?

Outra hora e finalmente liberou seu pulso. Soou o telefone.

Ian? Isso esperava. Estava pronta para fazê-lo voar daqui até o Lago Ness.

Estirou o braço até onde chegou e conseguiu levantar o telefone.

Da linha saía uma voz de mulher — Raye? É você?

— Angie?

— Onde demônios está, garota? Pensei que estaria aqui, bem no meio de tudo.

— No meio do que?

— Da multidão, moça. Levei uma hora só para chegar na porta. Estou ligando do meu celular.

— A porta? Que porta?

— A porta de “Café e Pãezinhos”, pedaço de idiota. O lugar está lotado.

— Mas, não entendo. Por que há tanta gente no café?

— É seu marido — disse Angie, enunciando cada palavra como se estivesse falando com uma menina de cinco anos — Usa um apetecível kilt e está tocando essa gaita de fole.

— Deveria espantar os clientes, não atraí-los — Disse Raye com tristeza — Ian tocando

gaita de fole soa como uma vaca com asma.

— Como pode dizer isso? — Toca divinamente. Escute.

Escutou um murmúrio quando Angie moveu seu celular. A música formou redemoinhos em sua orelha. Gaitas de fole, sim, mas não como a tocava Ian. O tom era rico, sedutor. Sensual. Erótico. Sua vagina palpitava. Queria atirar-se de cabeça dentro do telefone, ser absorvida por esse som.

A voz sem fôlego de Angie voltou para a linha.

— Vê o que digo? É incrível. Ian é como o maldito Flautista de Hamelin, só que não está atraindo crianças. Metade das garotas da universidade estão lutando por uma oportunidade de comprar café — Ela baixou a voz. — A outra metade o está paquerando. Uma putinha até conseguiu se meter debaixo de seu kilt. Acredito que deveria vir aqui, Raye. Neste preciso momento.

— Bem… — Raye jogou deu uma olhada aos nós que restavam a prendendo à cama. — Estou um pouco ocupada neste momento. E além disso, Ian não é assim. Nunca atacaria uma estudante universitária.

— Eu tampouco o teria pensado — Respondeu Angie — Mas vendo-o agora… Olhe. Meu conselho é: veem aqui. Há uma menina atrás da outra lançando-se aos pés de seu marido. Até um bom tipo como Ian esgota a força de vontade.

Merda.

Raye deixou cair o telefone e voltou a trabalhar sobre os nós.

Angie não estava brincando.

“Café e Pãezinhos estava lotado de gente e a multidão consistia principalmente de jovens estudantes universitárias. Raye empurrou entre a massa de corpos, abrindo caminho para a porta.

Uma moça com múltiplas perfurações de aros bloqueou seu passo. —Ei, espere sua vez.

— Para que?

— Para ter uma oportunidade com o bombom de kilt.

Uma horrível sensação revolveu o estômago de Raye. Parou nas pontas do pé, estirando-se para poder ver a porta. Surgiu uma moça, com uma xícara de café sobre sua cabeça como se fosse um troféu.

A multidão empurrava —Viu-o? Tocou-o?

A garota sorriu com suficiência — Ele me beijou — Disse — Nos lábios. E quer me ver logo.

Da multidão saiu um grito coletivo.

Raye paralisou, atônita, enquanto todo mundo arremetia ao redor dela, empurrando para chegar à porta. Ian nunca a enganaria. Ela sabia disso com a certeza que sabia seu próprio nome. Ao menos sabia até ontem. Depois desta manhã, não estava tão segura. Havia algo diferente em Ian e ia mais à frente do jogo sexual que tinham tido. Era como se tivesse se transformado em outra pessoa.

Franzindo o cenho ao pensar nisso, Raye deu meia volta e abriu passo a cotoveladas pelo mar de estrogênios. Quando chegou no final da quadra, deu a volta e abriu caminho para o beco que corria por trás da loja. Um minuto mais tarde, pescou a chave da porta traseira da loja de sua carteira e abriu a porta.

Cautelosamente, caminhou nas pontas do pé pelo depósito e espiou dentro da loja através da porta.

Ian estava tão rodeado de mulheres que parecia um castelo sitiado das montanhas escocesas. Três moças que ela não reconhecia estavam entregando freneticamente café e bolos. A caixa soava como louca. A gaveta resplandecia com dinheiro.

Raye caminhou com longos passos e agarrou à vendedora de café mais próxima — O que acha que está fazendo?

A moça levantou as sobrancelhas — Trabalhando no balcão — Ela fez um gesto com a cabeça em direção a Ian — Como ele me pediu que fizesse.

— Bom, já pode deixar de fazê-lo.

— E quem diabos é você?

— Sua esposa — Disse Raye.

A moça a olhou e claramente não acreditou.

— Ele não usa um anel.

—Isso não significa na...

— Não pode me enganar — Disse a moça zangada — Só quer empregar subterfúgios para conseguir um pouco de ação. Bem, esqueça. Eu cheguei aqui primeiro. Ela atirou a cabeça para trás e voltou para a caixa registradora.

Raye a olhou sem fôlego.

— Mas pedaço de...

Ela se interrompeu quando Ian levantou repentinamente sua cabeça, procurando na multidão, com olhos surpreendentemente agudos apesar de que não usava óculos. Estaria procurando por ela? Seguindo um instinto que nem sabia que tinha, Raye voltou a esconder-se no depósito.

Apertou sua coluna contra a porta; seu coração golpeava com força. Que demônios estava acontecendo? Apenas ontem, Ian estava sentado justo ali, em sua instável mesa, absorto nas contas a pagar e a cobrar, e o sexo era o mais afastado de sua mente. Agora, depois de foder Raye até a indigestão, estava preparado para começar com o resto das mulheres da cidade.

Viu a vela que tinha deixado no caixote depois de sua briga. Algo não estava bem. De algum jeito, seu marido tolerante, fiel, curto de vista se transformou em um demônio sexual insaciável, machista e com olhos de águia. Igual a Kieran MacKenzie.

Ela realmente tinha fantasiado com uma transformação como essa? Devia ter estado louca.

Uma sensação estranha cresceu em seu estômago.

O suave sotaque de Maggie retumbou em sua mente. Os desejos têm poder, moça. Não deve pedir com leviandade. Às vezes trazem coisas que não esperamos.

E o que havia dito Ian esta manhã? Os desejos rara vez resultam como você esperava, moça.

Vieram à mente mais palavras condenatórias, desta vez do livro que tinha lido na loja de Maggie. Impostor: *uma criatura da espécie das fadas que toma o lugar de um humano… Um desejo malicioso lhe dá poder*.

Raye franziu o cenho. Não. Não era possível.

A mudança se realiza ao amanhecer, acompanhado pela risada das fadas.

Ela tinha escutado risadas. Ela pensou que era o rádio, mas… Fechou os olhos, visualizando Ian como o tinha visto esta manhã. Era Ian mas, de algum jeito, não era ele.

O Impostor toma o aspecto do ser amado. Entretanto, este é um aspecto falso. O encantamento das fadas oculta os verdadeiros traços do Impostor.

Ela respirou fundo. Uns acordes de música de gaita de fole se filtravam pela porta fechada. A melodia era cativante, tão formosa que a fazia sofrer. Fazia seu estômago estremecer. Fazia que sua vagina umedecesse.

Um Impostor faz magia com a gaita de fole, enfeitiçando todos que o escutam. Encanta tudo o que toca.

Ian, seu Ian, não podia tocar gaita de fole, nem que disso dependesse a salvação de sua alma.

Sua fome é enorme e nunca se satisfaz.

Um som como o de uma cascata rugente ressoou nos ouvidos de Raye. Não era possível… Ou sim? Podia ser que o homem na loja, que se parecia tanto a Ian, fosse realmente um Impostor? Ela caminhou sigilosamente até a porta e a abriu um pouquinho. Ali, rodeado de ansiosas mulheres, estava o homem que ela pensou que era seu marido. Era alto, de ombros largos e bonito. Suas feições duras faziam um contraste tentador com seus sensuais lábios. E debaixo de seu kilt… Raye estremeceu.

As suaves palavras de Maggie cruzaram sua mente. De verdade queria ter este homem como amante?

Raye havia dito que sim. Sim.

Ai, Ian, como pude ter te desprezado assim?

Uma cabeça escura se levantou e uns olhos perfuraram os dela. Não eram os olhos de Ian. Olhando-os agora, Raye se perguntou como pôde ter pensado que eram. A expressão neles era apagada, vazia. Privada de emoção ou qualquer outro brilho de humanidade.

Um Impostor não tem alma…

Ela se agarrou no marco da porta, lutando para evitar que seus joelhos se dobrassem. Ian, não, não era Ian! Levantou uma mão e fez um gesto para que se aproximasse. Raye sentiu a força de sua ordem em seu ventre, e mais abaixo, no comichão que subiu, sem querer, entre suas coxas.

Ela olhou para o outro lado, respirando com baforadas curtas. Não ajudou em nada o debilitador feitiço que a tinha apanhado. Banhou-a a luxúria, que também trouxe umas gotas de suor a sua testa. Seus mamilos e seu clitóris formigavam. Sua vagina contraía, penando para ser

cheia. Queria fodê-lo de novo.

Lutou para controlar seu corpo. Não podia ir para a criatura que tinha tomado o lugar de Ian. Não o faria.

Onde estava Ian agora? Onde o tinha mandado seu desejo malicioso? De seus olhos brotaram lágrimas. Daria tudo por ver o sorriso tranquilo de seu marido, para escutar sua risada suave e sensual. Tinha sido culpa dela tanto como dele que sua vida sexual estancou. Ela o tinha substituído por uma fantasia.

Os olhos do Impostor emanavam luz. Raye foi atravessada por um raio de intensa excitação, o que arrancou um ofego de seus lábios. Seus quadris giraram, procurando mais.

Podia levá-la ao orgasmo apenas olhando-a? Ela não podia controlar sua resposta. Uns poucos segundos mais e explodiria em um orgasmo.

Uma estudante universitária esfregava seus seios contra o peito do Impostor, envolvendo seu pescoço com seus braços e ficando nas pontas do pé para beijá-lo. Os olhos do Impostor se separaram de Raye por um instante; foi a oportunidade que precisava.

Recuando torpemente, fechou a porta com um golpe, enquanto seu peito ofegava. Estava em sérios problemas. Tinha que desfazer-se dessa coisa antes que a atacasse outra vez.

Maggie. Ela tinha algo a ver com isto; Raye poderia apostar que era assim. Tinha que encontrar Maggie, e perguntar o que fazer.

Correu à porta traseira. Não se movia. A fechadura estava travada, ou quebrada ou.. A ideia congelou o sangue em suas veias....Enfeitiçada.

Lhe afrouxaram os joelhos. Desabou lentamente até o chão, deslizando suas costas sobre a fria porta de metal.

Ela não iria a nenhuma parte.

O Impostor veio por ela quando a última cliente saiu e a loja estava escura.

— Ah, moça, está aqui.

Ele parou na porta do depósito, com seus olhos escuros cintilando.

Raye lutou para que não notasse o pânico na voz, enquanto o fogo voltava a arder em sua vagina — Não me toque.

Ele deu um passo para ela, depois outro — Ai, moça, não me rejeite. Você é meu núcleo, meu lar. Minha vida.

— Um lindo discurso — Disse ela, movendo-se apenas para trás — Mas já o escutei antes. É um diálogo de Paixões nas Montanhas Escocesas.

— Entretanto — Disse ele — É verdadeiro. Não posso viver sem você.

Ele a encurralou contra a parede, enjaulando-a entre seus braços. Ele tinha um leve aroma de fumaça, que não era o agradável aroma de madeira, e sim o fedor de um tronco podre que de algum jeito tinham obtido que se queimasse.

— O que é? — Ela perguntou sem fôlego.

Seu olhar frio a consumia.

— Seu sonho, moça. Você me chamou do mundo superior, não recorda? — Ele sorriu — Não sou tudo o que você desejava?

Raye estava rígida, com os nervos vibrando de quentura e as coxas repletas de nata. Ela o desejava. Que Deus a ajudasse, mas ela desejava à criatura. Um minuto mais e estaria rogando para que a fodesse.

Não podia permitir isso.

Sua mão, escondida atrás de suas costas, agarrava a única arma que pôde encontrar no depósito: o acendedor que tinha usado no dia anterior. Quando ele baixou sua boca até a dela, ela atacou. Moveu bruscamente seu braço para frente, com a chama acesa, enquanto empurrava o acendedor para suas tripas.

O Impostor saltou para trás, enquanto sua respiração produzia um assobio entre seus dentes. Muito tarde. As chamas dispararam pela lã de seu kilt, e se estenderam pelas fitas de seu tartán. Incendiaram o linho branco de sua camisa. Explodiram em sua cara.

Um grito agudo, mais animal que humano, saiu de sua garganta.

Raye se aprumou para fugir para um lado, movida pelo calor e o terror. O Impostor não fez nenhum movimento para segui-la. Ficou parado, com os braços abertos, como uma grotesca cruz ardente. Seus olhos ardiam negros, acesos por pequenas e dançantes chamas.

Suas feições se transformaram e os belos traços de Ian começaram a tomar a forma de um espantoso semblante. A pele escureceu. O nariz e as orelhas alargaram. Seus dentes ficaram bicudos. O ar se voltou pútrido.

Ela olhou horrorizada a verdadeira face do Impostor durante o que pareceu uma eternidade. Depois, com um estalo ensurdecedor e uma explosão de fumaça e chamas, a criatura se esfumou.

Raye permaneceu ali, olhando fixo o lugar onde esteve, com o corpo congelado e a mente adormecida. Incrivelmente, o depósito estava intacto. Não tinha queimado nada, não ficou um rastro de fumaça e nenhuma marca de fuligem. Até o aroma de decomposição tinha desaparecido, substituído pelo familiar aroma do café.

Tinha funcionado? Teria ido realmente o Impostor?

— Raye? Está aí dentro?

A porta do salão da frente chiou. Abriu de par em par, revelando a figura de um homem vestido com a roupa típica das montanhas escocesas.

Ai, Deus. O pesadelo não tinha terminado.

— Se afaste de mim — Gritou Raye. Apressou-se a ficar atrás da mesa de Ian e a pôs entre ela e o Impostor — Nem um passo mais.

— Que diabos…? — O Impostor esfregou a nuca, com o cenho franzido atrás de suas lentes.

Lentes?

Raye segurou a mesa com menos intensidade. Podia ser que…?

— Ian? — É você?

— Até o que eu sei… — Ele olhou para baixo com uma risada — Mas possivelmente tenha que revisar minha cabeça por te deixar me convencer de usar esta fantasia.

— OH, Deus. Ian! — Raye se lançou em seus braços — Estou tão feliz de vê-lo!

Ele a apanhou, dando um passo para trás pela força de seu peso, quase rindo. Ele passou suas mãos pelas costas dela, estabilizando-a enquanto prodigalizava muitos beijos sobre o pescoço e o peito. Ela caiu de joelhos e levantou o kilt.

De sua garganta saiu uma borbulhante gargalhada de pura felicidade. O pênis de Ian, já meio duro, era bem do tamanho que devia ser.

Envolveu seus dedos ao redor dele, acariciando-o.

Ele riu em voz baixa — Me alegro de vê-la também, Raye, mas como vê, não sai há tanto tempo. Só faltam cinco minutos para fechar.

Ela beijou a cabeça do pênis.

— Pareceu uma eternidade. Lamento que brigássemos. Me perdoa?

Os escuros olhos de Ian eram inescrutáveis.

— Não há nada a perdoar. Você tinha razão. Estava te descuidando. Estava nos descuidando. Não me concentrava em você enquanto fazíamos amor.

— Não importa.

—Sim importa — Se inclinou e a elevou em seus braços, enquanto seus dedos procuravam debaixo de sua saia — Te mostrarei o quanto me importa — Murmurou enquanto deslizava sua calcinha por seus quadris até suas coxas. Acomodando o traseiro dela sobre a mesa, ele deu um passo entre suas pernas e levantou o kilt.

Raye encontrou seu olhar.

— Quer fazer aqui? No depósito? Pensei que… — Ele a penetrou com uma forte investida.

— Não pense — Disse — Só sinta.

Epílogo

Para desfazer-se de um Impostor em seu lar, conduza-o para o fogo.

Bom. Fizera uma coisa bem, pelo menos. Raye fechou o antigo volume e olhou para cima, direto nos olhos de Maggie.

— Vamos, Maggie — Tentava persuadi-la Raye — Diga-me como fez isso. Você enviou o Impostor?

A anciã levantou as sobrancelhas.

— Ai, moça, como fala! Esse velho livro não é mais que uma coleção fantasiosa de lendas, escritas há muito tempo. Não tem nenhum sentido.

Raye meneou a cabeça. Tinha o pressentimento que Maggie sabia mais do que dizia sobre

o Impostor, mas depois de três meses perguntando, Raye concluiu que já podia abandonar o tema. Maggie não ia admitir nada.

Saiu da “Magia das Montanhas” e voltou para o “Café e Pãezinhos”. Saudando com um gesto de cabeça à nova moça no balcão, dirigiu-se à sala do fundo.

Ian levantou a vista de seu computador portátil, sorrindo amplamente — Veem aqui — Disse ele — Olhe isto.

— O que? — Raye perguntou, inclinando-se para ver a tela.

Ele fez girar o computador para que pudesse ver melhor.

— A conciliação do trimestre passado — Disse.

Ela pestanejou.

— Fizemos todo esse dinheiro?

— Os números não mentem — Disse Ian com ares de suficiência — Outra vez temos lucros, e com sobra — Ele esfregou o queixo — Mas não estou seguro do que ocasionou a mudança.

— Foi você e esse kilt — Disse Raye, com um sotaque em sua voz — Desde que começou a usá-lo no café, atraiu um culto que te segue. Posso jurar que as universitárias passam mais tempo no “Café e Pãezinhos” que na classe. Por certo voltam para seus dormitórios e simulam que seus vibradores são você.

Ian fez uma careta.

— Que ideia. Sim, bom, enquanto continuem comprando café, aceito-o. Ele levantou a vista para olhá-la, repentinamente sério — Não acha que te enganaria, não é?

— Não — Disse Raye — Sei que não o faria.

Ele tocou suas bochechas; seus olhos eram suaves.

— Te amo.

— Eu também te amo — Disse Raye.

Ele a sentou sobre seu colo — Então, aonde quer ir nas férias?

Ela o olhou surpreendida.

— Férias? Quer dizer que podemos pagar umas férias?

— É obvio. Duas semanas. Onde você quiser — Fez uma pausa — O acha da Escócia?

Escócia! Raye sempre quis visitar as terras de Paixões nas Montanhas Escocesas. É obvio, não tinha passado tanto tempo com seu livro ultimamente. Cada minuto livre parecia estar ocupado por Ian. A vida sexual entre eles tinha revivido enormemente. Na última semana, tinham fodido sobre o chão do quarto, a mesa da cozinha, no assento traseiro do automóvel, e no depósito do café, duas vezes!

Ela hesitou.

— Não sei. Há algum lugar que você queira ir?

— A Escócia não — Disse ele rapidamente — O clima é horrível nesta época do ano. Eu voto por um lugar quente e ensolarado. O que pensa do Caribe? Poderíamos nos recostar na praia o dia todo e foder como coelhos bêbados de noite.

Raye lançou uma gargalhada. — Isso soa tão romântico.

Ele a beijou no pescoço, bem debaixo de sua orelha — Assim será — Disse ele. Inclinou-se e tirou algo de sua maleta, e o deslizou entre as mãos dela — Especialmente se levarmos isto.

Os olhos de Raye aumentaram. Ian tinha lhe dado um livro. E não qualquer livro: um volume da mesma editoria de Paixões nas Montanhas Escocesas. A capa mostrava um casal nu em um cenário da selva tropical. Seu ritmo cardíaco se acelerou ao ler o título.

Paixões nos Trópicos.

— Você gostou? — Perguntou Ian.

Ela encontrou seu olhar e sorriu.

— Eu adorei.

Suas bochechas ruborizaram um pouco.

— Li um pouco. É bastante quente — Ele engoliu em seco — Pensei que possivelmente… Se você quiser, isso é… Poderíamos fazer algumas das cenas.

Uma luxúria quente explodiu na vagina de Raye.

— Sério?

— Sim.

Ela começou a desabotoar a blusa.

— Bom,então… O que estamos esperando?

Fim



Comunidade: http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7

Grupo: http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR

Blog: http://tiamatworld.blogspot.com/